



Tragédia e Farsa: fascismo e clericalismo no Brasil. Originais repetições no começo do século XX e no século XXI

Tragedy and Farce: fascism and clericalism in Brazil. Original repetitions in the early twentieth century and the twenty-first century

Nancy Cardoso Pereira*

Resumo: O enfrentamento do fundamentalismo religioso e do fascismo é uma tarefa política atual mas que tem uma larga trajetória nos movimentos feministas brasileiros que pode ser conhecida nos movimentos de mulheres, anarquistas e operários, na história da luta pelo voto feminino e na intensa tarefa da escrita ativista do começo do século XX. Este artigo quer estabelecer continuidades analíticas e apontar para processos de atualização teórico-interpretativos vitais para os feminismos libertários hoje, de modo especial a partir da luta e reflexão de Maria Lacerda de Moura.

Palavras-chave: Fascismo. Feminismo. Clericalismo. Política. Religião.

Abstract: The confrontation of religious fundamentalism and fascism is a current political task but has a wide trajectory in the Brazilian feminist movements that can be known in women's movements, anarchists and workers, in the history of struggle for the women's vote and in the intense writing activist task of the early twentieth century. This article wants to establish analytical continuities and point to vital theoretical and interpretive update processes for libertarian feminisms today, especially from the Maria Lacerda de Moura struggle and reflection.

Keywords: Fascism. Feminism. Clericalism. Politics. Religion.

“A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa.”

(Karl Marx)

* Agente de formação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), teóloga feminista, doutora em Ciências da Religião, pós-doutora em História Antiga. Contato: <nancycpt@yahoo.com.br>.



Introdução

A repetição de mau gosto da má política nos ronda. A repetição não é tanto das mesmas coisas, mas é a repetição imobilizadora das coisas que inviabiliza a mudança, que reafirma os modos de poder para fazer impossível qualquer coragem, qualquer rebeldia com a medida do novo.

O fascismo foi, sinteticamente, uma das maneiras de reordenar países capitalistas num momento de crise aguda do capital e de acirramento da luta de classes. Teve como características gerais forte intervenção do Estado em favor do grande capital, ditaduras sanguinárias, eliminação dos partidos e eliminação física dos opositores, políticas e discurso nacionalista e uma postura expansionista externamente.¹

Estaríamos num momento desses de crise aguda, de reordenação capitalista e de acirramento da luta de classe? Este é um diagnóstico bastante razoável do que vivemos no Brasil sem as pretensões imperialistas, talvez, mas com a violência que atravessa as institucionalidades, os discursos e as práticas e se aninha no cotidiano da cultura de massas, das relações.

A tragédia e a farsa já nem se disfarçam mais e se alternam sem dó e sem piedade num fundamentalismo religioso, na intolerância com a diversidade e num ódio contra as maiorias pobres e suas lutas e conquistas. A importância de colocar este quadro num eixo de história ampliada não é só para perceber a repetição, mas para revelar eixos programáticos da vida política nacional que nunca deixaram de ser expressão de um país desigual e violento.

Repetimos porque nunca deixamos de ser: tragédia e farsa.

Não é que estamos perdendo a democracia, o Estado laico, a modernidade e a convivência social... É que estas foram tarefas sempre feitas pela metade, com arranjos parciais e manutenção de estruturas de poder conservadoras de uma sociedade fundada na escravidão, na despossessão de terra e cultura, na violência como modo de organização do trabalho, da educação, da vida pública.

Se expressões fascistas e fundamentalistas circulam pela vida política com naturalidade hoje, elas nunca deixaram de circular no cotidiano das relações: da vida doméstica marcada por servidão e sexismo, da cidadania parcial e racista, do diverso inviável pela heteronormatividade absoluta e invisível. Doses diárias de fascismo que persistem na manutenção da desigualdade sistêmica e que não admitem mudanças estruturais, emancipações coletivas ou enfrentamento cultural e político.

Michel Foucault e Gilles Deleuze chamaram de “pequeno fascismo da vida cotidiana”, praticado e celebrado pelo indivíduo ressentido, ao mesmo tempo protagonista e vítima de um processo social que ele não compreende. O pequeno fascismo desliza sorrateiro para a alma de cada indivíduo, sem ser percebido, ainda

¹ MANGOLIN, C., *O fascismo cotidiano*. Disponível em: <<https://cesarmangolin.wordpress.com/2015/07/05/o-fascismo-cotidiano>>. Acesso em: 22 jul. 2016.



que continue a simular a defesa dos sacrossantos princípios dos direitos do homem, do humanismo e da democracia.²

A vida cotidiana, em especial nas suas dinâmicas de reprodução da vida material e simbólica, convive de modo intermitente com estas miudezas fascistas nas suas modalidades de violência tolerada e desigualdade consentida. Em especial, nas relações interpessoais vividas na família, na escola, na igreja os espaços de sociabilidade refletem padrões de dominação vividos como “servidão voluntária”: as pessoas mantidas em submissão participam ativamente dos mecanismos de reprodução de sua situação subordinada (em nome do amor, da honra, da tradição, da vontade de Deus, etc.). A família, a escola e a igreja instituídas como reserva de valores fundamentais da vida social recebem um forte aparato de intervenção para a manutenção de um pretense consenso inviabilizando qualquer visibilização ou enfrentamento das formas de opressão.

O que está em jogo na política não é o controle sobre estruturas distanciadas da vida das pessoas. O que está em jogo são as matrizes de possibilidades que dão a uns, mas não a outros, o acesso a determinados espaços sociais e o controle de recursos escassos e valorizados. O que está em jogo, em suma, é a possibilidade de decidir a própria vida, o que é algo que não se efetiva em arenas específicas, mas na vida vivida de todos os dias. O político é pessoal porque nele se definem as condições em que podemos exercer nossa autonomia.³

Sacrossanto é aqui uma palavra necessária. O fundamentalismo religioso não é um detalhe dessa história de sociedade que é, ao mesmo tempo, recente e velhíssima. Nossa história republicana é marcada por golpes, reviravoltas, ditaduras, rupturas que ainda não conheceram repouso. A República no Brasil instaurou, de modo parcial e insatisfatório, o programa da modernidade em seus aspectos laico e civil:

No Brasil, em uma República cujo suporte mais importante era o Exército – quase todos os cargos da Administração anteriormente civil seriam ocupados por oficiais no Brasil – a Liberdade (como valor e como alegoria feminina) não podia ser propulsada ao primeiro plano, ocupado por valores mais militares de disciplina e ordem.⁴

Nunca fomos modernos!

No Brasil, o que chamamos de modernidade reformou os espaços de poder, entre eles o da religião hegemônica sem, contudo, romper com os conteúdos patriarcais e patrimoniais que persistem de modo contraditório no modelo hegemônico do cristianismo ocidental. Nesse sentido, o que assistimos hoje não é a volta da religião, nem o reencantamento do religioso porque a religião cristã nunca deixou de fazer parte do cenário político brasileiro. Os usos discursivos e performáticos,

² BELLUZZO, *Fascismo miúdo*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/774/fascismo-miudo-7922.html>>. Acesso em 22 jul. 2016.

³ MIGUEL, Luís Felipe. *Sete ensinamentos do feminismo para a teoria política*. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/02/sete-ensinamentos-do-feminismo-para-a-teoria-politica>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

⁴ JURT, Joseph. *O Brasil – um estado-nação a ser construído*: O papel dos símbolos nacionais do império à república. Sonderdruckeaus der Albert-Ludwigs-Universität Freiburg. Disponível em: <www.freidok.uni-freiburg.de/volltexte/8946/pdf/Jurt_o_Brasil.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2014.

por exemplo da Virgem Maria nos rituais de formulação do imaginário do Estado, revelam estas ambiguidades.

As intrincadas alianças e ações travadas entre a Igreja e o Estado republicano brasileiro, destacado na figura de Getúlio Vargas (1882-1954), no que concerne à criação de uma profunda simbologia nacional em torno da imagem sacra venerada na Basílica da cidade de Aparecida (São Paulo), “surgida” nas águas do rio Paraíba do Sul em 1717.⁵

A pretensão da modernidade de que o mundo religioso deixaria de ser a realidade totalizante que supostamente unificava o período medieval foi alcançada? Uma nova classe social na disputa do poder econômico-social e o deslocamento das grandezas sociais da nobreza e da empresa rural legitimavam as pretensões que fragilizariam as estruturas totalizantes da cristandade norte-atlântica, em especial a Europa. O Estado moderno surgia a partir de novos contratos sociais mantendo os conteúdos religiosos sob a disciplina dos interesses nacionais. Mas entre nós até mesmo os ritos básicos de uma democracia formal foram marcados por contradições que nos perseguem até hoje. Aqui vale um exercício: o voto feminino.

Nossa Senhora do Voto: a luta pelo voto feminino e a boca de urna clerical

No dia 24 de fevereiro de 2012, o Brasil comemora os 80 anos do direito de voto feminino. As mulheres passaram a ter o direito de voto assegurado pelo Decreto nº 21.076, de 24/02/1932, assinado pelo presidente Getúlio Vargas, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Esta conquista, porém, não foi gratuita.⁶

Os movimentos sufragistas e de educação para mulheres encontraram resistência na Igreja Católica que pressionou de forma direta o processo político e constituinte e também organizou movimentos de senhoras católicas, em especial das elites das capitais, para impor limites claros à modernidade expressa como emancipação das mulheres:

O clero compreendia que as mulheres eram mais próximas da influência da Igreja e mais dispostas a votar em candidatos com ela identificados. Ainda em 1932, Vargas convocou eleições para a assembleia constituinte. Os bispos estimularam, então, a organização da Liga Eleitoral Católica (LEC), que elaborou uma plataforma mínima de princípios a serem apresentados aos candidatos que pretendessem o apoio da Igreja. Apenas a partir do comprometimento com tais princípios, haveria a recomendação de voto aos fiéis.⁷

A ambiguidade das mulheres organizadas na Liga Eleitoral Católica deixa ver que os avanços nos aspectos formais dos direitos para as mulheres não significaram definitivamente a ausência de influência da Igreja Católica, que se apropriou de formas de participação e

⁵ BERTO, João Paulo. *A força política da fé: Estado e Igreja na formação identitária nacional em torno da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (1904-1931)*. História e-história. Disponível em: <<http://www.historiaeistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=304>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

⁶ ALVES, José Eustáquio Diniz. *80 anos do direito de voto feminino no Brasil*. Disponível em: <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=64692>>. Acesso em: 10 març. 2014.

⁷ SOUZA, Cláudio Roberto. *80 anos da Liga Eleitoral Católica*. Disponível em: <http://www.ufpe.br/agencia/clipping/index.php?option=com_content&view=article&id=6309:80-anos-da-liga-eleitoral-catolica&catid=61&Itemid=228>. Acesso em: 10 març. 2014.

representação da modernidade – como o voto – e o adaptou a seus interesses de manutenção de relações sociais de poder sobre forte influência eclesiástica, e por isso mesmo masculina. A invocação da Virgem Maria e sua mãe deixa ver a manutenção de eixos programáticos vitais para o catolicismo:

A Liga das Senhoras Católicas de Cuiabá foi instituída em 1924 na Arquidiocese de Cuiabá e funcionou provisoriamente até 1925, quando foi oficialmente reconhecida e inaugurada na capital de Mato Grosso. Já no ano de criação foi elaborado um Estatuto Provisório da Liga, “sob o patrocínio de Santa Anna, mãe de Maria Virgem”.⁸

A estratégia da Igreja Católica em manter-se no cenário político apontava para vários objetivos de modo especial voltado para definir o lugar da mulher acreditando que, por meio delas, influenciaria setores emergentes da sociedade brasileira do início do século XX:

A estratégia de atuação da Igreja Católica por meio da potencialização de alguns eixos que serão tratados a seguir; são eles: as redes de sociabilidade, a constituição de um laicato católico, que atua de forma militante em prol da Igreja, e o discurso em torno de um novo lugar para a mulher; esse novo lugar se relaciona com o exercício do voto, com o magistério e com o lugar maternal.⁹

“A família existia antes do Estado. Com essa anterioridade cronológica, possui direitos superiores que não podem ser usurpados. Um deles é indubitavelmente a educação dos filhos”. (A Cruz, 25.08.1912, nº 89, p.1).¹⁰

As Senhoras Católicas fizeram um intenso trabalho de base alistando senhoras de família e disputando os conteúdos do movimento sufragista mais articulado com o movimento operário-fabril e anarquista. Para a Igreja Católica, a participação organizada das mulheres católicas garantiria a defesa de uma pauta conservadora, a eleição de pessoas certificadas pela Igreja e um modo de impedir a radicalização dos movimentos de mulheres. “Um feminismo essencialmente sufragista, bem comportado, católico. Um feminismo feminino como se costumava identificá-lo”.¹¹ “Somos católicas e não compreendemos as reivindicações femininas fora desses princípios. Somos pela indissolubilidade do matrimônio como condição máxima de garantia da família, da estabilidade do lar, da moral social enfim”.¹²

⁸ OLIVEIRA, PERARO. Casadas, caridosas e comportadas: o Discurso da Liga das Senhoras Católicas de Cuiabá (1924-1935). Anais do III Encontro Nacional do Gt História das Religiões e das Religiosidades – Anpuh. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. III, n. 9, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 10 març. 2014.

⁹ LEON, Adriana. *Impressos Católicos e o Debate Educacional: Conexões com a modernidade na década de 1930*. Disponível em: <sbhe.org.br/.../IMPRESSOS%20CATOLICOS%20E%20O%20DEBATE>. Acesso em: 25 març. 2014.

¹⁰ Disponível em: <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev11/elizabeth_lannes_bernardes.html>. Acesso em: 25 març. 2014.

¹¹ MACEDO, Elza D. V. *Uma luta justa... e elegante: feminismos conflitantes na década de 20*. Disponível em: <www.rj.anpuh.org/resources/.../Elza%20Dely%20Veloso%20Macedo.doc>. Acesso em: 23 jul. 2016.

¹² ARAÚJO, Rita. O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. In: *Estudos avançados*, vol. 17 n. 49 São Paulo, set./dec. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300009>. Acesso em: 23 jul. 2016.

Esta pressão da Igreja sobre as sufragistas criou uma divergência importante nas organizações de mulheres do período; esta divergência pode ser conhecida na trajetória das duas principais lideranças no Brasil – Maria Lacerda Moura e Bertha Lutz – e também no contexto latino-americano, por exemplo, com Paulina Luisi, do Uruguai. Estas tensões internas lançam luz sobre os desdobramentos da luta feminina/feminista na história dos movimentos de mulheres no Brasil no século XX.

Percebemos que o feminismo de Bertha busca uma aproximação com autoridades, como por exemplo, com a Igreja Católica; já o feminismo de Paulina é contra a Igreja, expressando em alguns artigos sua aversão às suas formas de “evangelizar” e “manipular” as mulheres.¹³

A estratégia da Igreja de participar do processo de ampliação da participação eleitoral sem, contudo, abrir mão de seu programa foi vitoriosa, em especial a estratégia de garantir o acesso controlado e disciplinado das mulheres ao voto. Além de dividir os movimentos de mulheres, recuperou o poder e influência: a Constituição 1934 já na introdução confirmava o caráter religioso da Assembleia – “Nós, os representantes do Povo Brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus” – e reforçava o ensino religioso no ensino público, negava o divórcio e garantia casamento religioso com efeito civil.¹⁴

Educadoras, operárias e libertárias: movimentos e escritos de mulheres a 100 anos atrás

Alguns registros históricos¹⁵ para entender em que situação surgiram os primeiros movimentos feministas no Brasil:

1827 — Surge no Brasil a primeira legislação relativa à educação de mulheres; a lei admitia meninas apenas para as escolas elementares, não para instituições de ensino mais adiantado.

1832 — A brasileira Nísia Floresta, do Rio Grande do Norte, lança uma tradução livre da obra pioneira da feminista inglesa Mary Wollstonecraft, e dá-lhe o título *Direitos dos homens, injustiças para as mulheres*.

1843 — Flora Tristán publica *A União Operária*.

1852 — Lançado o Jornal das Senhoras, editado por Joana Paula Manso de Noronha.

1858 — Publicado em Campanha da Princesa-MG o jornal O Sexo Feminino.

1874 — Surgiram os periódicos O Domingo e o Jornal das Damas, no Rio de Janeiro, seguidos do Myosotis, de Maria Heraclia, lançado em Recife, em 1875, e do incisivo Echo das Damas, de Amélia Carolina da Silva Couto, no Rio de Janeiro, em 1879.

¹³ VASQUEZ, María Laura Osta. *Vidas que se cruzam: as trajetórias das feministas sufragistas uruguaias e brasileiras através dos discursos*. Disponível em: <www.eventos.faed.udesc.br/index.php/tempopresente/.../paper/.../175>. Acesso em: 10 març. 2014.

¹⁴ Disponível em: <www.estudopratico.com.br/constituicao-de-1934/>. Acesso em: 23 jul. 2016

¹⁵ OBLADEN, Roberta. *Mulheres e política*. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/eleicoes_mulheres-politica/parte-05.asp>. Acesso em: 22 jul. 2016.

1874 — Maria Augusta Generosa Estrella deixou o Rio de Janeiro para estudar medicina nos Estados Unidos. A ela se juntou Josefa Agueda Felisbella Mercedes de Oliveira. As duas publicaram, depois, um jornal em Nova York: *A Mulher*.

1879 — O governo brasileiro abriu as instituições de ensino superior do país às mulheres.

1880 — No Brasil, as primeiras mulheres graduadas em direito encontram dificuldades em exercer a profissão.

1907 — Sob a presidência de Clara Zetkin, reúne-se a 1ª Conferência Internacional de Mulheres Socialistas.

1910 — Brasil: A professora Deolinda Daltro funda o Partido Republicano Feminino.

1917 — Deolinda Daltro lidera uma passeata exigindo a extensão do voto às mulheres.

1918 — No Brasil, a jovem Bertha Lutz, iniciando a carreira profissional como bióloga, publica, na *Revista da Semana*, uma carta denunciando o tratamento dado ao sexo feminino.

1921 — É constituída no Rio de Janeiro, sob a liderança de Bertha Lutz, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

1928 — O governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, obtém uma alteração da legislação eleitoral para conferir o direito de voto às mulheres no seu estado. Elas vão às ruas, mas seus votos são anulados pela Comissão de Poderes do Estado. No entanto, eleger-se uma prefeita, a primeira da História do Brasil: Alzira Soriano de Souza, no município de Lages-RN.

1932 — O governo de Getúlio Vargas promulga o novo Código Eleitoral pelo Decreto n.º 21.076, de 24 de fevereiro, garantindo finalmente o direito de voto às mulheres brasileiras.

De muitas maneiras, os diferentes segmentos de mulheres na história brasileira se organizaram e lutaram contra a submissão: desde a luta da mulher negra contra a escravidão até a luta das operárias por direitos e igualdade,¹⁶ entre outras. As mulheres organizaram agremiações, clubes, partidos para a articulação de seus interesses de modo especial buscando espaços de autonomia e liberdade que fugissem do controle das estruturas familiares, patronais e da igreja.

O levantamento de fontes escritas e imagéticas revela um intenso movimento de organização, de produção de conhecimento e de circulação de ideias.¹⁷ Alguns dessas expressões recebiam uma clara influência de movimentos da Europa ou dos Estados Unidos, mas de modo especial eram nutridos pela intensa vida sindical, intelectual e cultural por parte de trabalhadoras fabris e educadoras no Brasil.

Portanto, a imprensa se constituía no locus no qual essas mulheres davam voz a suas solicitações e demandas, como afirma Márcia Maria Leite “são os textos redigidos pelas mãos femininas que se confirmam vontades, inspirações e vocações”. Além dos jornais, panfletos existiam publicações de revistas, então não há como negar que o processo de transformação empreendido pela política republicana imprimia na sociedade situações de conflitos, que por sua vez a

¹⁶ BUONICORE, Augusto. *As mulheres e os direitos políticos no Brasil*. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=2115>. Acesso em: 24 jul. 2016.

¹⁷ Para conhecer trabalhos acadêmicos sobre imprensa feminina/feminista, cf. Vêrsila Biblioteca Digital. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/?q=imprensa+feminina++brasil>>. Acesso em: 28 jul. 2016.



população procurava responder as diversas pressões, como foi o caso das mulheres.¹⁸

As iniciativas autônomas das mulheres eram combatidas ou repudiadas por autoridades masculinas da vida política ou na imprensa, mas também, conforme visto acima, eram criados movimentos de senhoras por dentro da ordem constituída para se contrapor ao discurso e às práticas das mulheres autônomas e deslegitimar suas aspirações em nome das mulheres. Um exemplo evidente é o longo processo de difamação e descrédito na imprensa da época contra Deolinda Daltro e sua ação educadora com indígenas:

Por conta de sua ousadia, recebeu vários epítetos e a imprensa da época assim a descreveu: “santa, anjo, excêntrica, monomaníaca, visionária, heroína, louca de hospício, doce mãe, aproveitadora, herege e anticristo foram alguns dos títulos que ela recebeu de admiradores e desafetos”.¹⁹

Entre os muitos espaços de expressão política das mulheres estavam os meios anarquistas que, além de veicularem as demandas e as reflexões das mulheres, também se ocupavam do debate público que se estabelecia em especial ao reconhecer as vozes visíveis invisíveis que combatiam a expressão política das mulheres, suas estratégias e debates teóricos. O importante nos escritos anarquistas é que as intervenções e influências da Igreja Católica eram amplamente reconhecidas e debatidas num eixo de disputa contra o que se chamava de clericalismo. As vozes e escritas feministas atentas para as trocas políticas e o tráfico de influência nos bastidores da política nacional na primeira metade do século XX estabeleceram um consistente debate contra o clericalismo, o que procuravam divulgar e socializar nos semanários, nas campanhas e nos processos de formação de então.²⁰

Este rápido quadro dos cenários políticos das primeiras décadas do século XX revela um cenário exuberante de debate sobre as políticas para as mulheres. Esta exuberância de quantidade e qualidade de mulheres escritoras e lideranças não pode encobrir as estruturas jurídicas, políticas e policiais que queriam manter as mulheres – em especial operárias, pobres, negras, não casadas, etc. – na subordinação ou adaptadas às estruturas educacionais, eclesiais e políticas que convinham aos poderes estabelecidos.

¹⁸ SANTOS, Aline Aguiar. Trajetórias femininas na Primeira República. Disponível em: <<http://ohistoriante.com.br/feminismo.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

¹⁹ KARAWAJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. In: *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 40, n. 1, p. 64-84, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/15391/12462>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

²⁰ Para conhecer este debate, cf. FERNANDES, Marisa. *Sob os Focos d'A Lanterna: a mulher na imprensa anticlerical de 1909 a 1916*. São Paulo: USP, como uma contribuição para a história da mulher no Brasil; cf. também: OLIVEIRA, Walter, *narrativas à luz d'a "Lanterna": Anticlericalismo, anarquismo e representações*. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp077951.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

Uma das vozes mais poderosas e polêmicas deste período e que ainda hoje merece ser ouvida é a de Maria Lacerda de Moura. A seguir, apresentamos esta autora e ativista... uma quase teóloga ciente das trocas de favores entre Igreja e Estado e disposta a denunciar como estas relações de poder consolidariam estruturas de subserviência e disciplina que, ainda hoje, rondam e assombram a luta por direitos e igualdade das mulheres.

Maria Lacerda de Moura – contra o rebanho servil da domesticidade. Nasceu em 16 de maio de 1887 em Minas Gerais. Professora em Barbacena fez da educação um lugar privilegiado de empoderamento das mulheres – tanto das professoras como das alunas. Trabalhava com a pedagogia libertária de Ferrer.²¹ Atuou em Campanhas-MG contra analfabetismo entre mulheres adultas num período que apresentava 80% de educação rudimentar ou inexistente.²²

Mudou-se para São Paulo em 1921 e foi professora particular. Contestou as propostas oficiais de ensino e se juntou a práticas alternativas de educação ligadas aos movimentos operários e anarquistas da época. Ampliou sua atuação para a área do teatro e imprensa anarquista. Em 1923, fundou a revista *Renascença*. Publicava no jornal *A Plebe* sobre educação e sobre situações de mulheres e crianças.

A partir de 1926, passou a viver em uma comunidade, em Guararema, interior de São Paulo. Tratava-se de um lugar formado por objetores de consciência da Primeira Guerra Mundial, que tinham se reunido à beira do rio Paraíba, pretendendo viver em liberdade, sem hierarquias. A comunidade de Guararema pereceu diante da repressão do governo de Getúlio Vargas, em 1935. Quando a comunidade acabou, Maria Lacerda de Moura voltou para Barbacena e tentou viver como professora de preparatórios para o ginásio.²³

Maria Lacerda de Moura estava com os anarquistas até onde dava: não abria mão de suas convicções autonomistas – o que algumas vezes a colocou em contradição com movimentos e editoriais. Participou do movimento pelo voto feminino, desenvolveu estratégias, mas se recusou a uma aliança mais ampla que incluísse a Igreja Católica. O anticlericalismo de Maria Lacerda de Moura a colocou em diálogo com grupos esotéricos e tradições místicas na busca de alternativas espirituais que pudessem fazer o enfrentamento do lugar absoluto que o cristianismo pretendia na cultura.

Maria Lacerda de Moura “entendeu que o voto, na verdade, era um processo inadequado de luta pelo poder, pois beneficiava poucas mulheres sem pensar de

²¹ MOURA, M.L. *Ferrer o clero romano e a educação laica*. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/161043/Ferrer,%20o%20Clero%20Romano%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20laica%20Maria%20Lacerda%20de%20Moura.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

²² Cf. LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A documentação de Maria Lacerda de Moura (1887-1945). In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 40, p. 271-278, jan. 1996. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/rieb/article/view/73411/77109>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

²³ DIAS, Mabel; MOURA, Maria Lacerda de. *A Esquerda Libertária*. Disponível em: <<http://aesquerdalibertaria.blogspot.com.br/2014/07/maria-lacerda-de-moura.html#.V6JE9dIrLMw>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

fato na multidão feminina que era explorada e oprimida pela organização social injusta”.²⁴

Os tempos de Maria Lacerda de Moura e seu ativismo e escritos eram de grande efervescência dos movimentos sindicais, políticos e culturais. A formação da classe operária no Brasil, a mobilização de setores do escravismo saídos das fazendas sem qualquer reparação, a ampliação urbana e consolidação de um mercado de consumo nas cidades, a emergência de organizações de mulheres, as expressões estéticas e educacionais fora do âmbito do catolicismo geraram um desconforto na ainda escravocrata e reacionária sociedade brasileira nos primeiros anos da República.

Maria Lacerda de Moura e outras ativistas e escritoras perceberam o cenário de intransigência e fundamentalismo que se expressavam nos debates políticos e culturais e que criavam obstáculos à ampliação de direitos de operários/as e mulheres mobilizados/as pelos movimentos de classe do período.

O integralismo chegou ao Brasil na primeira metade do século XX com uma política tradicionalista de uma sociedade estruturada a partir da religião e da família. Sob inspiração da doutrina social católica e com elementos fascistas de cunho ultraconservadores, os integralistas acusavam comunistas e anarquistas de corrupção da família com pensamentos que ameaçavam a formação religiosa das pessoas. Este tradicionalismo se expressava na ligação do Estado com a família, em princípios éticos, religiosos e morais definidos pelo magistério católico, na preservação da cultura local-nacionalista, da tradição e no elogio das zonas rurais e suas culturas.

Não se pode esquecer que o discurso dos católicos defendia a ordem, a hierarquia da autoridade, a educação guiada pelos princípios religiosos, o ataque às ideias liberais, o individualismo, a liberdade de informação e pensamento. Cabia ao Estado, seguindo as diretrizes emanadas pela autoridade que se conferia à Igreja, fechar a UDF (Universidade do Distrito Federal, de liderança de Anísio Teixeira), eliminando assim o perigo que ela representava para a sociedade brasileira que, em sua concepção, era pautada pelos ideais da tradição e do catolicismo.²⁵

A ação dos integralistas e outros setores conservadores no Brasil se espelhava também na ascensão de forças conservadoras e fascistas na Europa: o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália e outros lugares. O ideário integralista combinava o corporativismo político, a abolição do pluripartidarismo, a perseguição aos comunistas, uma oposição às elites financeiras com o

²⁴ EGGERT, Edla; PACHECO, Joice Oliveira. Maria Lacerda de Moura e a educação libertária das para as mulheres. In: STRECK, Danilo R. (org.). *Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia*, p. 199-210. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

²⁵ MUELLER, Helena Isabel. Os ativos intelectuais católicos no Brasil dos anos 1930. In: *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 35, n. 69, p. 259-278, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882015000100259&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2016.

surgimento de um forte líder apolítico, um uso massivo dos meios de comunicação, frases de efeito, criação de símbolos e defesa de padronização comportamental.²⁶

Os setores operários, anarquistas e movimentos de mulheres tiveram que se enfrentar com as forças conservadoras e com o integralismo tanto nos embates sociais como na imprensa e nas publicações considerando as realidades de conflito no Brasil e no mundo. Para o setor anarquista, o fascismo se confundia com o cristianismo na extensividade das relações entre Igreja e Estado.

Com a retomada da militância anticlerical libertária, umas das questões mais debatidas na imprensa anarquista, foram às ligações entre catolicismo e movimentos fascistas, principalmente com o Fascismo italiano e o Integralismo brasileiro. Para os militantes anarquistas, as vitórias dos movimentos fascistas representavam também algum ganho para Igreja Católica: “As vitórias do fascismo são aproveitadas pela igreja: “Acordo de Latrão”, “Ensino religioso nas escolas”, “Dinheiro para o Papa”, “Perseguição aos inimigos da igreja, como os maçons e a agora os judeus”, etc.”²⁷

Os jornais comunistas e anarquistas tinham consciência do tipo de poder do catolicismo na sociedade brasileira e na manutenção do elitismo oligárquico, do patrimonialismo (falta de distinção entre o público e o privado), da propriedade privada e do familismo. Para os jornais anarquistas, a “luta anticlerical” se expressava na defesa de uma sociedade laica, o desenvolvimento do racionalismo de liberais e livres-pensadores em geral.

A Lanterna, entre 1933 e 1935, publicou 48 edições, que apareciam geralmente de forma quinzenal, aos sábados. O jornal era editado em quatro páginas e embaixo do cabeçalho aparecia a seguinte frase: “Jornal de Combate ao Clericalismo”. Possuía algumas colunas fixa, como Lata de Lixo, na qual zombavam de frases de teor religioso ditas por católicos e a Catecismo Herege na qual havia frases de pensadores anarquistas e anticlericais que criticavam a Igreja Católica.²⁸

Maria Lacerda de Moura intuiu e sofreu estes cenários fascistas no Brasil e no exterior. Bem informada e transitando entre os principais temas e conflitos do período, desenvolveu uma extensa produção bibliográfica tanto nos registros jornalísticos como na escrita de livros temáticos.

Entre as décadas de 1910 e 1930, a libertária mineira publica *Em torno da Educação* (1918), *A Mulher é uma Degenerada?* (1924), *Religião do Amor e da Beleza* (1926), *Han Ryner e o Amor Plural* (1928), *Amai e não vos multipliqueis* (1932), livros que têm como visada principal a situação social das mulheres e a crítica contundente da moral sexual. Nesse sentido, Maria Lacerda radicaliza a denúncia da opressão de gênero, entre pobres ou ricas, jovens ou velhas. Temas dificilmente discutidos por mulheres em sua época, como a educação sexual dos/das jovens, a exigência da virgindade feminina, o amor livre, o direito ao prazer sexual, o divórcio, a

²⁶ SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê! In: *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 61-95, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 jul. 2016.

²⁷ RODRIGUES, Andre. A identidade entre movimentos fascistas e Igreja Católica nos jornais anarquistas - A Plebe e A Lanterna (1932-1935). In: *Boletim Historiar*, n. 11, set./out. 2015, p. 37-50. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/4417-12482-1-PB.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

²⁸ RODRIGUES, 2015, p. 2.

maternidade consciente e a prostituição figuram entre os mais importantes, na extensa produção intelectual da polêmica escritora.²⁹

No polêmico livro *Fascismo – filho dileto da Igreja e do Capital*³⁰ (1934), Maria Lacerda de Moura apresenta todo o seu repertório de história antiga e medieval, de história da igreja cristã e do islamismo, de filosofia antiga e moderna e muitas informações sobre os processos de origem, ascensão e desenvolvimento do nazismo na Alemanha e do fascismo na Itália, como também sobre a revolução dos soviets na Rússia. Combinando notícias de jornal com tendências de análise da política internacional contemporânea, a autora desenvolve suas teses sobre as relações intrínsecas entre fascismo, cristianismo e capitalismo.

O livro de 120 páginas tem estilo eloquente e confuso, combinando, às vezes, referências incompletas e opiniões apressadas. Estas incompletudes revelam o caráter combativo da publicação apressada por questões dramáticas e urgentes que a autora quer enfrentar. As realidades do fascismo e do integralismo aliados ao clericalismo da década de 1930 fizeram com que Maria Lacerda de Moura pesquisasse e considerasse extensos materiais sobre teologia, história da igreja e até mesmo da literatura bíblica.

Algumas das teses apresentadas pela autora

Quando digo Cristianismo, eu me refiro à ordem social burguesa capitalista. É a civilização do bezerro de ouro. O Estado confundiu-se de novo com a Igreja, não no sentido divino como outrora, mas, no domínio econômico-político. E o Clericalismo se faz representar, modernamente, nas quatro castas dominantes do nosso regime social. (p. 2)

Perdendo o seu poder religioso e confessional, perdendo seu prestígio, a Igreja serve-se de todos os aventureiros da política, revolucionários, incendiários, ateus antirreligiosos, do gênero de Hitler e Mussolini para tornar-se, de novo, por detrás desses arlequins sem caráter e sem consciência, a senhora de todo o orbe, dominando os povos e os Estados pelo terror e pelo fanatismo sanguinário. (p. 9)

A Igreja é, hoje, uma potência econômica e política, é um Estado dentro do Estado e aspira a ser o Estado único, a monarquia ditatorial e universal dentro do fascismo ou nacionalismo imperialista. Espera colher, agora, os frutos da educação de há tantos séculos. É uma força viva, ativa, dinâmica, em plena efervescência – domínio absoluto por sobre os povos, as monarquias e as repúblicas. (p. 17)

O capitalismo serve-se das doutrinas de renúncia e resignação passiva da Igreja, para lançar os seus tentáculos de polvo por sobre as massas trabalhadoras. A Igreja se serve do capitalismo – para armar o braço secular do Estado contra a heresia. Porque hoje os governos são os serviços do Capital. A aliança entre César e Pedro é de todos os tempos, desde Constantino, e indispensável à estabilidade do Estado burguês e da Igreja Romana. (p. 18)

O Capitalismo pressente a sua própria agonia. A Igreja vê ruir os alicerces da sua soberania. Daí o Fascismo: é filho dileto do Cristianismo e do Capital. É a nova aliança do altar e do trono – para o renascimento do terror e do despotismo

²⁹ RAGO, Margareth. *Entre o anarquismo e o feminismo*: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbrì. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

³⁰ Disponível em: <anarkio.net/Pdf/Fascismo_filhodaigreja_capital.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2016.



imperialista – as armas com que os papas, os autocratas, a plutocracia pretendem estrangular de novo a razão humana e subornar a evolução. (p. 18)

São os protestantes que farão frente à desvolutura e à invasão da Igreja Romana no seio da América Latina. Do choque dessas duas correntes religiosas e do enfraquecimento conseqüente de ambas, nascerá alguma coisa? Temos plena confirmação da voracidade clerical no Brasil, neste momento assanhada pelos últimos movimentos armados, desencadeados pela própria Igreja e maliciosamente denominados movimentos “revolucionários”! Há 40 e tantos anos de República que o clero espregueira e vigia. Dificilmente deixará escapar a oportunidade sabiamente preparada, mesmo embora a avalanche de protestos que, de toda parte do Brasil, se avoluma contra as pretensões vorazes e inquisitoriais da Igreja Romana. Cristo tornou-se “prisioneiro de Estado”. (p. 64)

“O sistema capitalista leva em seu seio a guerra, como a nuvem leva a chuva”. De repente, desaba. (p. 113)

Pretendemos desenvolver, em um outro trabalho, uma análise mais detida sobre este livro de Maria Lacerda de Moura. Por ora, importa destacar alguns pontos:

- 1- Ela reconhece o caráter religioso do capitalismo e descreve seus rituais e sacrifícios superando qualquer percepção mecanicista ou supraestrutural da religião: cristianismo = ordem social burguesa.
- 2- A subordinação da política, em especial do Estado, é visibilizada: o Estado se confunde com a Igreja: *A aliança entre César e Pedro é de todos os tempos, desde Constantino, e indispensável à estabilidade do Estado burguês e da Igreja Romana*; aqui a noção de estabilidade revela a abrangência do pensamento sistêmico da autora.
- 3- Nos momentos em que a ordem econômica e religiosa se sente ameaçada, ela dá espaço e promove o fascismo como um mecanismo de potencialização de elementos conservadores na sociedade; o caráter militar/policial dessa reação é apresentado com a imagem da chuva, revelando a pretensão de “naturalização” dessa característica social.
- 4- Renúncia e resignação são duas estratégias de educação e disciplinamento da Igreja que nos momentos de crise pode lançar mão também do terror e do despotismo para evitar qualquer alteração estrutural estrangulando a razão humana.
- 5- Os protestantes farão frente à Igreja Romana e do enfraquecimento de ambos surgirá uma outra coisa? A intuição aqui parece apontar para outras formas de organização do cristianismo mantendo a voracidade clerical do Brasil. Seria difícil afirmar que a autora intuía o surgimento do pentecostalismo e as formas neo/pan/pós-petencostais. De alguma maneira, ela entende o esforço de manutenção e de atualização do clericalismo entre nós e, mesmo que pelo avesso, adivinha as formatações fascistas-evangélicas.
- 6- “Cristo tornou-se prisioneiro do Estado”. Esta frase custou muitas críticas à reflexão da autora. Comunistas e anarquistas apontaram aqui a uma inconsistência. De alguma forma, o anarquismo autônomo de Maria Lacerda de Moura exigia dela o exercício da tolerância e do reconhecimento da autonomia ética como valor vital o que ela reconhecia em Cristo e Gandhi entre outros.



7- Ao citar as quatro castas dominantes no sistema social – o capitalista, o militar, o sacerdote e o político –, a autora radiografa a estrutura do poder denunciando o caráter elitista, clerical, policial do capitalismo brasileiro. De algum modo, a autora antecipa a farsa trágica das bancadas do Boi-Bala-Bíblia, expressões exatas do fascismo entre nós.

Quase cem anos depois, o esforço de crítica, análise e interpretação de Maria Lacerda de Moura é, ao mesmo tempo, preocupante e estimulante: preocupante porque nos coloca diante do espelho e temos que lidar com cascas da estrutura política brasileira que são antigas e persistentes; estimulante porque revela a necessidade da interseccionalidade no aspecto de articulação entre classe, gênero, etnia e geração, e também na necessidade de uma crítica feminista da religião que supere a ingenuidade da modernidade democrática e se arrisque à teologia como léxico necessário no enfrentamento do fascismo. Esta capacidade crítica é o que recusará em nós a tragédia e a farsa. Nas palavras dela:

É preciso ser humano e ter saltado fora dos tapumes do redil social, ter deixado de ser um número no rebanho servil da domesticidade; é preciso ter sentido a fome no estomago dos outros; é preciso ter alargado o espírito de tolerância, para compreender as razões do próximo e não para tentar impor a autoridade da sua verdade contra os sonhos e as verdades dos outros idealistas. (p. 116)

Bibliografia de Maria Lacerda de Moura

MOURA, Maria Lacerda de. *Em torno da Educação*. São Paulo: Teixeira, 1918.

_____. *A mulher é uma degenerada?* São Paulo: Typ. Paulista, 1924, 1. ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

_____. *Religião do amor e da beleza*. São Paulo: Condor, 1926.

_____. *Han Ryner e o amor plural*. São Paulo: Unitas, 1928.

_____. Prefácio a BARCOS, Júlio. *Liberdade Sexual das Mulheres*. 4. ed. Tradução de Maria Lacerda de Moura, s/e, 1929.

_____. *Civilização: tronco de escravos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931.

_____. *Amai e não vos multipliqueis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

_____. *Serviço militar obrigatório para a mulher?* Recuso-me! Denuncio! São Paulo: A Sementeira, 1933.

_____. *Clero e Fascismo: Horda de Embrutecedores*. São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

_____. *Ferrer, o clero romano e a educação laica*. São Paulo: /s.n., 1934.

_____. *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital*. São Paulo: Editorial Paulista, s/d.

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. *80 anos do direito de voto feminino no Brasil*. Disponível em: <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=64692>>. Acesso em: 10 març. 2014.

ARAÚJO, Rita. O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. In: *Estudos avançados*, vol. 17 n. 49 São Paulo, set./dec. 2003. Disponível em:



<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300009>. Acesso em: 23 jul. 2016.

BELLUZZO, *Fascismo miúdo*. Disponível em:

<<http://www.cartacapital.com.br/revista/774/fascismo-miudo-7922.html>>. Acesso em 22 jul. 2016.

BERTO, João Paulo. *A força política da fé: Estado e Igreja na formação identitária nacional em torno da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (1904-1931)*. História e-história.

Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=304>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

BUONICORE, Augusto. *As mulheres e os direitos políticos no Brasil*. Disponível em:

<http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=2115>. Acesso em: 24 jul. 2016.

DIAS, Mabel; MOURA, Maria Lacerda de. *A Esquerda Libertária*. Disponível em:

<<http://aesquerdalibertaria.blogspot.com.br/2014/07/maria-lacerda-de-moura.html#.V6JE9dlrLMw>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

EGGERT, Edla; PACHECO, Joice Oliveira. Maria Lacerda de Moura e a educação libertária das para as mulheres. In: STRECK, Danilo R. (org.). *Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia*, p. 199-210. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FERNANDES, Marisa. *Sob os Focos d'A Lanterna: a mulher na imprensa anticlerical de 1909 a 1916*. São Paulo: USP, como uma contribuição para a história da mulher no Brasil; cf. também:

OLIVEIRA, Walter, *narrativas à luz d'a "Lanterna": Anticlericalismo, anarquismo e representações*. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp077951.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

JURT, Joseph. *O Brasil – um estado-nação a ser construído: O papel dos símbolos nacionais do império à república*. Sonderdruckeaus der Albert-Ludwigs-Universität Freiburg. Disponível em: <www.freidok.uni-freiburg.de/volltexte/8946/pdf/Jurt_o_Brasil.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2014.

KARAWAJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. In: *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 40, n. 1, p. 64-84, jan.-jun. 2014 Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/15391/12462>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A documentação de Maria Lacerda de Moura (1887-1945). In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 40, p. 271-278, jan. 1996. Disponível em:

<<http://www.periodicos.usp.br/rieb/article/view/73411/77109>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

LEON, Adriana. *Impressos Católicos e o Debate Educacional: Conexões com a modernidade na década de 1930*. Disponível em:

<sbhe.org.br/.../IMPRESSOS%20CATOLICOS%20E%20O%20DEBATE>. Acesso em: 25 març. 2014.

MACEDO, Elza D. V. *Uma luta justa... e elegante: feminismos conflitantes na década de 20*.

Disponível em: <www.rj.anpuh.org/resources/.../Elza%20Dely%20Veloso%20Macedo.doc> Acesso em: 23 jul. 2016.

MANGOLIN, C., *O fascismo cotidiano*. Disponível em:

<<https://cesarmangolin.wordpress.com/2015/07/05/o-fascismo-cotidiano>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

MIGUEL, Luís Felipe. *Sete ensinamentos do feminismo para a teoria política*. Disponível em:

<<https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/02/sete-ensinamentos-do-feminismo-para-a-teoria-politica>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

MOURA, M.L. *Ferrer o clero romano e a educação laica*. Disponível em:

<<https://we.riseup.net/assets/161043/Ferrer,%20o%20Clero%20Romano%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20laica%20Maria%20Lacerda%20de%20Moura.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2016.



- MUELLER, Helena Isabel. Os ativos intelectuais católicos no Brasil dos anos 1930. In: *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 35, n. 69, p. 259-278, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882015000100259&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2016.
- OBLADEN, Roberta. *Mulheres e política*. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/eleicoes_mulheres-politica/parte-05.asp>. Acesso em: 22 jul. 2016.
- OLIVEIRA, PERARO. Casadas, caridosas e comportadas: o Discurso da Liga das Senhoras Católicas de Cuiabá (1924-1935). Anais do III Encontro Nacional do Gt História das Religiões e das Religiosidades – Anpuh. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. III, n. 9, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtrelegiao/pub.html>>. Acesso em: 10 març. 2014.
- RAGO, Margareth. *Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbrì*. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.
- RODRIGUES, Andre. A identidade entre movimentos fascistas e Igreja Católica nos jornais anarquistas - A Plebe e A Lanterna (1932-1935). In: *Boletim Historiar*, n. 11, set./out. 2015, p. 37-50. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/4417-12482-1-PB.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2016.
- SANTOS, Aline Aguiar. Trajetórias femininas na Primeira República. Disponível em: <<http://ohistoriante.com.br/feminismo.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2016.
- SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê! In: *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 61-95, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 jul. 2016.
- SOUZA, Cláudio Roberto. *80 anos da Liga Eleitoral Católica*. Disponível em: <http://www.ufpe.br/agencia/clipping/index.php?option=com_content&view=article&id=6309:80-anos-da-liga-eleitoral-catolica&catid=61&Itemid=228>. Acesso em: 10 març. 2014.
- VASQUEZ, María Laura Osta. *Vidas que se cruzam: as trajetórias das feministas sufragistas uruguaias e brasileiras através dos discursos*. Disponível em: <www.eventos.faed.udesc.br/index.php/tempopresente/.../paper/.../175>. Acesso em: 10 març. 2014.
- Vérsila Biblioteca Digital. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/?q=imprensa+feminina++brasil>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

[Recebido em: julho de 2016 /
Aceito em: agosto de 2016]